

Visita ao Centro Cultural Jerusalém

Carlos Gutierrez



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/339>

DOI: 10.4000/pontourbe.339

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Carlos Gutierrez, « Visita ao Centro Cultural Jerusalém », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 17 abril 2014, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/339>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Visita ao Centro Cultural Jerusalém

Carlos Gutierrez

- 1 Em outubro de 2011, realizei viagem ao Rio de Janeiro a fim de conhecer a estrutura da Catedral da Fé, também conhecida como Templo Maior, da IURD - Igreja Universal do Reino de Deus, visando a obtenção de dados empíricos para desenvolvimento de meu projeto de doutorado.
- 2 Deixei o centro da cidade carioca às 09 da manhã e após 50 minutos, gastos em um trajeto percorrido por ônibus e metrô, cheguei ao bairro de Del Castilho, de 14 mil habitantes, localizado na zona norte, subúrbio do Rio. A estação de metrô está localizada a poucos metros da sede local da Igreja Universal, na Av. Dom Hélder Câmara (antiga Av. Suburbana), uma das principais vias de acesso da região.
- 3 A Catedral impressiona pelo tamanho e pelo contraste em relação à arquitetura local, marcada por casas assobradadas e simples. Com 45 mil m², o templo é o maior da América Latina e só será ultrapassado quando as obras da réplica do Templo de Salomão, em São Paulo, forem finalizadas. A capacidade para fiéis é de cerca de 15 mil pessoas e o templo é revestido com pedras e madeiras vindas de Israel. Nos acessos ao templo há paredes que representam o Muro das Lamentações¹, localizado em Jerusalém.
- 4 Essa construção atrai muitos transeuntes, que entram nos portões, seja para rezar frente ao “muro”, colocar pedidos entre as ranhuras, ou simplesmente tocá-lo (ver fotos). Conversei com dezenas de pessoas que passavam pelo local e pude constatar que cerca de 60% não se considerava membro da Igreja Universal. Ao serem indagados sobre o porquê de entrar na IURD e tocar o muro, ou orar diante dele, todos afirmaram que se tratava de um lugar sagrado, onde podiam ter um contato direto com Deus, já que “as pedras vieram da Terra Santa”.
- 5 É interessante observar a sacralização desse ambiente por meio da origem do material empregado na construção. Configura-se aqui um fenômeno de transnacionalização do sagrado, mas de uma maneira específica: o bem simbólico não necessita ser o mesmo existente em Jerusalém, ou seja, um pedaço, ou fragmento do muro dito original, mas apenas ser oriundo do mesmo local. Dessa forma, segundo os esquemas de percepção de muitos fiéis, os bens simbólicos que ali circulam carregam um sentido de sacralidade, inerente ao seu local de origem e também são ressignificados de acordo com a lógica

local. A existência desse tipo de espaço garante à instituição religiosa uma eficaz estratégia de capitalização simbólica dentro do campo religioso. Afinal, pessoas de diferentes denominações passam a circular dentro da Igreja e algumas chegam até a frequentar algum culto, mesmo que de forma esporádica, o que constitui também uma importante estratégia para obtenção de fiéis e/ou simpatizantes à instituição.

- 6 Descendo as rampas de acesso, chegamos ao subsolo, que conta com um extenso jardim com plantas oriundas de Israel e uma fonte. Atravessando o pátio interno, chega-se ao CCJ - Centro Cultural Jerusalém. Inaugurado em 2008, o espaço conta com uma maquete de 736 m² da cidade antiga de Jerusalém, do séc I. A construção demorou cerca de oito anos para ser concluída, devido aos ricos detalhes existentes na representação da arquitetura do mobiliário urbano e da topografia da miniatura. A obra foi construída com pedras vindas de um *kibutz* da Galileia. Também há uma simulação, por meio do sistema de iluminação, do anoitecer e amanhecer de Jerusalém, com destaque para o teto, com inúmeros pontos de luz, representando estrelas.
- 7 Enquanto esperava um dos pastores responsáveis pela coordenação do Centro, realizei um tour acompanhado de uma monitora que me explicava sobre as áreas da cidade, o período histórico de cada construção e até mesmo a relação das passagens bíblicas com cada parte de Jerusalém.

“No meu treinamento, aprendi mais sobre a parte histórica. No curso tive arquitetura, história, história da arte, helenismo, pois a intenção do Centro é dar uma perspectiva cultural ao visitante, mas sempre acabo relacionando com conteúdo bíblico, pois a maior parte das pessoas pergunta sobre os locais que aparecem na Bíblia. Isso foi bom, por que eu já conhecia e também me obrigou a ler mais”, conta Gislaine, fiel da IURD e contratada como monitora há seis meses.

- 8 O complexo também conta com terminais eletrônicos, que fornecem explicações sobre cada construção e conta ainda com uma mensagem do Bispo Edir Macedo. Além disso, há um auditório para realização de eventos como, por exemplo, casamentos, debates, aulas, seminários, entre diversas atividades. Afirma o Pr. Jonas, um dos responsáveis pelo local:

“Para ser sincero, a maior parte das pessoas que aluga o espaço não é da IURD. Tem muita gente de outras igrejas que aluga para dar aula de teologia, para realizar cultos, batizados no tanque com água de Israel. Enfim, precisamos alugar o espaço para que o Centro se mantenha com as próprias pernas e não dependa de verba da Igreja. Tem também faculdade de arquitetura e história que fecha pacotes. Aí o que será feito depende do locatário.”

- 9 De acordo com o pastor, o tanque precisa ser lavado mensalmente, pois são milhares de pessoas que entram, a fim de banhar-se na água do Rio Jordão. O reservatório contém mais de dez mil litros de água e conta com um papel de parede de Jerusalém, em suas bordas, para criar a impressão de realmente mergulhar em Israel. Destaca-se aqui o fato de que a criação desse espaço, com a sacralidade das pedras e da água promove a circulação de agentes religiosos (pastores e leigos) de diversas denominações, o que também tem importância no reposicionamento da IURD no campo religioso e na participação privilegiada, tomando uma instituição religiosa como referência, em diversos debates envolvendo questões políticas e diplomáticas sobre o estado de Israel.
- 10 O segundo andar do Centro Cultural abriga exposições itinerantes e também tem espaço para uma exposição fixa. No período de realização desta etnografia, o CCJ apresentava “O Cristianismo Primitivo” e “Sob os olhares do Bispo”, uma apresentação do trabalho fotográfico do Bispo Edir Macedo. Segundo o Pr. Jonas, a comunidade judaica pediu

muito à direção do Centro e a exposição sobre o Holocausto, que a princípio era itinerante, tornou-se fixa, assim como a exposição sobre a formação de Israel e o movimento sionista.

- 11 O Centro conta com um cyber-café e uma loja de souvenirs. Nessa última, é possível encontrar diversos bens simbólicos ditos judaicos como, por exemplo, *kipá*², *mezuzah*³, *menorah*⁴, *talit*⁵, *Torá*, *tehilim*⁶, copo para *kidush*⁷, óleo de diversas regiões de Israel, livros de hebraico e cultura judaica, além de CDs com música israelense, anéis com inscrições em hebraico, miniaturas do templo de Salomão, da Arca da Aliança e de rolos de *Torá*, entre diversos outros itens. Segundo uma das vendedoras, os itens mais vendidos são pedras de Israel (estavam esgotadas), óleo ungido, água de rios israelenses, *talits* e *kipá*. Os principais compradores desses últimos são pastores, de outras denominações, e fiéis da Igreja.
- 12 Muitos desses bens simbólicos ditos judaicos passaram a figurar nos cultos da IURD. Caso da *mezuzah*, que foi amplamente distribuída em uma campanha para proteção do lar, entre 2005 e 2006. Segundo o pastor Jonas, a utilização desses símbolos é uma forma que a Igreja tem para aumentar a fé dos fiéis e também para barrar o que chama de idolatria católica.

“A gente faz campanha e pede para a pessoa rezar com *kipá*, colocar a *mezuzah* na porta de casa, pois ali ela vê esses objetos e se lembra de orar, se lembra de Deus. Então, usamos símbolos que estão na Bíblia, ou seja, são legítimos, para aumentar a fé das pessoas. Outra coisa, o homem precisa conhecer Deus e isso é algo difícil, por isso, a idolatria cresceu tanto no mundo, pois tentava explicar Deus por meio de bonecos. Agora, é diferente, estamos usando esses elementos para que o homem possa chegar a Deus e ter fé. Mas tem uma coisa, a gente sempre pede para a pessoa queimar o objeto na campanha, pois as coisas vão melhorar e transformar-se por meio da fé, não por meio do objeto. Isso é importante ressaltar” (Pr. Jonas).
- 13 Dessa forma, a Igreja Universal passa a adotar símbolos ditos judaicos em seus rituais, com o propósito de aumentar a fé e aproximar o homem de Deus. Contudo, há um cuidado para não haver adoração a esses bens simbólicos o que, segundo os esquemas de percepção da IURD, configuraria idolatria. Porém, muitos fiéis não queimam os objetos e os utilizam em suas casas, incorporando-os ao cotidiano. Pastores e bispos confirmam tal prática e, segundo eles, é necessário ir à casa do fiel para proceder com a queima dos objetos. Mas reiteram a utilidade dos mesmos para evangelização e também para que o fiel possa sentir a presença de Deus. Além disso, uma das vendedoras revelou que um grande signo de distinção entre os fiéis da instituição é a posse de maior número de bens simbólicos ditos judaicos. Na lógica de parte dos fiéis, possuir tais objetos é uma forma de publicizar a prosperidade e alcançar posições superiores no universo simbólico da Igreja.
- 14 Os pastores entrevistados gostam de frisar o apreço que a comunidade judaica tem pelo espaço, relatando as visitas frequentes de judeus brasileiros e estrangeiros, os quais, segundo eles, “se emocionam muito com o Templo de Salomão e com a exposição sobre o Holocausto”. De fato, a circulação de agentes ditos judaicos pode ser confirmada com a palestra do embaixador de Israel no Brasil, Rafael Eldad, realizada no Centro Cultural, sobre a questão da paz no Oriente Médio. O evento foi divulgado com muito destaque no site do Centro Cultural Jerusalém e em redes sociais ligadas à instituição.
- 15 Fui convidado a participar da comitiva que recebeu o embaixador para a realização da visita à maquete e a assistir à palestra. Diversos membros da comunidade judaica estavam presentes no dia: representantes da FIERJ – Federação Israelita do Estado do

Rio de Janeiro, do Clube Israelita Brasileiro e até mesmo de uma ONG israelense. Todos os judeus entrevistados alegaram que o motivo das visitas ao espaço é “por uma questão cultural”. Segundo eles, a IURD realiza um bom trabalho ao promover a cultura judaica e o Estado de Israel, pois “ajudam a diminuir o antissemitismo e a atrair apoio ao Estado de Israel, promovendo outra visão, diferente da que a mídia traz sobre os conflitos na região”.

- 16 Para conseguir promover a circulação desses agentes, foi necessário criar um ambiente laico, o que foi alcançado por meio da criação do CCJ, que não está vinculado diretamente à IURD. Para reforçar a imagem de espaço cultural, o Centro estava em obras, para ter entrada própria, ou seja, eliminando a necessidade de passar pela área da Igreja. Dessa forma, tem-se uma suposta laicização de um espaço dito religioso, a fim de promover a circulação de agentes de outras instituições religiosas pela instituição. Entretanto, a Igreja também necessita vincular sua imagem a essa circulação, a fim de se capitalizar no campo religioso e também poder participar de controvérsias (questão Israel-Palestina, antissemitismo, políticas do Estado Brasileiro em relação ao conflito no Oriente Médio, enfim, debates dos quais a IURD passou a participar após a criação desse espaço). Logo, há a inscrição “Jesus Cristo é o Senhor”, no auditório. Dentro do campo de disputas em torno da significação deste espaço, a inserção da frase não comprometeu a suposta laicidade do local e permitiu à IURD publicizar que ela é a detentora do mesmo.
- 17 A circulação de agentes ditos judaicos em uma instituição vinculada à Universal passou a legitimar os bens simbólicos vendidos na loja de souvenirs e também diversos cultos e campanhas promovidas pela Igreja. Dessa forma, protestantes históricos passaram a frequentar o Centro Cultural, a adquirir bens simbólicos no local, já que a presença judaica concedeu à IURD certo monopólio na produção e distribuição de signos ditos judaicos. Na palestra com o embaixador, protestantes ditos clássicos estiveram presentes e destoavam da maior parte dos frequentadores da Igreja. Muitos moravam em regiões nobres do Rio de Janeiro e possuíam um *habitus* completamente distinto do considerado “padrão” na Universal. Afirma Marcelo, que é protestante,
- “É ótimo que o Rio de Janeiro tenha um local como esse. Ensina mais o povo sobre Deus, sobre Israel. Traz cultura religiosa e também histórica. Aprovo a atitude da Universal, pois tudo que é feito para promover a Terra Santa e defende-la de acusações é válido. Além disso, é fantástica a possibilidade de adquirir bens oriundos de Israel e poder ter, futuramente, uma réplica do Templo de Salomão no país. Costumo participar de atividades do CCJ, mas também frequento a Igreja no período de campanha da Fogueira Santa. É maravilhoso poder escrever seu nome em um talit e saber que sua oração, por meio de um objeto sagrado, será levado até o Monte Sinai.”
- 18 Durante a caminhada pelo Centro Cultural, o embaixador de Israel e os representantes da comunidade judaica foram filmados por equipe da TV Record, para a gravação de uma reportagem acerca do evento. A necessidade de publicização da circulação de agentes ditos judaicos pela IURD é extremamente importante para a legitimação de bens simbólicos produzidos e distribuídos pela instituição, já que proporciona um trânsito contínuo e efêmero, que ajuda a capitalizar a IURD e a reposicioná-la dentro do campo religioso. A reportagem sobre o evento foi veiculada no programa “Balanço Geral” (veja o vídeo) e no “RJ no Ar”. Ambos disputam a liderança de audiência em seus respectivos horários. A divulgação em rede televisiva auxilia no processo de consolidação da instituição como um agente participante de uma esfera discursiva

específica em torno da significação do conflito árabe-israelense e do posicionamento político do Brasil nessa controvérsia.

- 19 Na palestra, o embaixador frisou a necessidade de combater mídias anti-israelenses e também a importância de divulgar a “verdadeira versão dos fatos aos conhecidos e amigos, por meio das redes sociais” e citou a importância que os cristãos tem para a Israel, tanto economicamente, quanto em questões de segurança nacional. Após a fala do embaixador, houve um debate entre os presentes para discutir como cada um poderia ajudar Israel, tanto em termos de esforço coletivo, quanto individual. Afirma o Pastor Lúcio,

“O Centro possibilitou a entrada de pessoas na IURD que antes jamais imaginamos que fosse possível: protestante histórico, judeus, acadêmicos. Isso é muito bom para a Igreja. Agora, com o Templo de Salomão, com certeza isso vai ser ainda maior, pois o CCJ tem um alcance regional, o Templo será internacional.”

- 20 É importante ressaltar como a IURD passa, com esses espaços, a formar um determinado *circuito* religioso nacional e até mesmo transnacional, promovendo uma circulação de agentes de instituições distintas, que mesmo sem integrar o corpo de fiéis, reconfigura a posição ocupada pela Universal no campo religioso e lhe confere o monopólio de distribuição de bens simbólicos ditos judaicos, um fenômeno cada vez mais marcante nas religiões ditas evangélicas, que vem adotando tais signos em seus rituais.

NOTAS

1. Única estrutura remanescente do Segundo Templo, também conhecido como Templo de Herodes, já que foi erguido a mando do então rei da Judéia Herodes, o Grande, em uma tentativa de reconstruir o Templo de Salomão, destruído pelos babilônios em 568 a.C.
2. Em hebraico: solidéu.
3. Em hebraico: pequena caixa pregada no batente direito da porta, com um pergaminho que contém parágrafos bíblicos, celebrando a unicidade de D-us e sua aliança com o povo eleito.
4. Em hebraico, candelabro. Trata-se de um candelabro de sete braços, um dos principais símbolos do judaísmo. Simbolizaria os arbustos em chamas que Moisés encontrou no Monte Sinai. Pentecostais e neopentecostais acreditam que são as sete manifestações do Espírito Santo.
5. Acessório religioso semelhante a um xale, feito em lã. Nas orações da sinagoga, principalmente no Sacharit (reza da manhã), o judeu cobre-se com o tecido. É considerado como um meio de isolamento do mundo físico. Por isso, facilita a concentração durante a oração.
6. Em hebraico, salmos.
7. Em hebraico: santificação. É a bênção recitada sobre o vinho ou suco de uva para santificar o *shabat* ou uma festa judaica. O termo também é usado para se referir a refeição cerimonial, servida na sinagoga, após o serviço religioso do *shabat*.